

## revolução e liberdade, *porque simone* | gustavo simões\*

Simone Weil. *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2008, 95 pp.

Hoje, a palavra revolução, para além de estampar camisetas de grifes da moda ou sobreviver circulando nos megafones colados à boca de algum jovem morno, tornou-se o slogan preferido para a divulgação de uma rede *fast food*. Entretanto, esta palavra “pela qual se mata, se morre, se enviam as massas trabalhadoras à morte” (p. 27), designava no momento em que Simone Weil escreveu sua obra *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*, em 1936, uma relação de forças que se invertia, um acontecimento.

Os horrores da revolução ainda não haviam sido largamente discutidos quando no final da década de 1920, Simone Weil passou a combater o autoritarismo socialista com seus escritos no jornal operário *Revolution Prolétarienne*, periódico criado por dissidentes do Partido Comunista e que contou com a colaboração ativa de Jean Maitron e Daniel Guérin. Em 1933, Weil questionou Trotsky acerca dos desdobramentos da Revolução Russa e da terrível opressão que se abateu sobre os operários, afirmando que a revolução somente acentua a necessidade de explorar e de oprimir as massas trabalhadoras, visando, com isto, o fortalecimento do Estado diante de seus potenciais inimigos. Três anos depois deste conturbado debate, na introdução de seu livro, escreve que “o primeiro dever que o presente período

\* Bacharel em Ciências Sociais, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, bolsista FAPESP e integrante do Nu-Sol.

nos impõe é o de ter bastante coragem intelectual para nos perguntarmos se a palavra revolução, simplesmente, não passa de uma dessas inúmeras mentiras que o regime capitalista suscitou quando se implantou e que a crise atual nos presta o serviço de dissolver” (p. 10). Pergunta corajosa, persiste a pensadora francesa, por “toda a gente nobre e pura que sacrificou tudo, inclusive a vida, por esta palavra” (Idem).

Prosseguindo com a contundente crítica proferida por Emma Goldman, em 1924, sobre a Revolução Russa, Simone Weil conclui que as ações revolucionárias quase sempre se perdem na inversão e distinção entre os meios lançados e os fins desejados. A revolução seria para ela a reviravolta que garantiria a perpetuação da opressão visto que “os oprimidos conseguem expulsar uma equipe de opressores e substituí-la por outra”, mas não esgota as próprias fontes da opressão, ou seja, não abole “todos os monopólios, os segredos mágicos ou técnicas que dão poder sobre a natureza, armas, moeda, coordenação dos trabalhos” (p. 40). Livre, diz Weil, seria aquele “cujas ações, todas elas, procedessem de um juízo prévio sobre o fim que ele se propõe e o encadeamento dos meios próprios que levam a esse fim” (p. 55).

Escrevendo diante da emergência e ascensão do nazismo que combateu a seu modo, incessantemente, planejando fugas de amigos presos e abrigando em sua casa, na França, quem conseguisse escapar dos campos de concentração, Simone Weil afirma que somente com o exercício de um pensamento liberado da servidão é que as relações de opressão podem ser ultrapassadas, pois “tudo o mais pode ser imposto de fora pela força, inclusive os movimentos do corpo, mas nada no mundo pode obrigar um homem a exercer seu poder de pensamento” (p. 66). Portanto, a existência de um pensamento próprio, “pois o pensamento só se forma num espírito que se acha só, diante de si mesmo” (p. 65), seria a arma mais eficaz para resistir à opressão e, por con-

seguinte, viver a vida, estar no mundo. Conclui que “é injusto dizer, por exemplo, que o fascismo anula o pensamento livre; na verdade é a ausência de pensamento livre que torna possível impor pela força doutrinas oficiais inteiramente sem significado” (p. 84). Na busca insistente da expressão deste pensamento livre foi em Aragón, à margem do rio Ebra, na Espanha, pouco menos de um ano depois de redigir *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*, que Simone Weil se juntou a Durrutti e às centenas de anarquistas em combate pela liberdade contra os franquistas.

A ocupação das fábricas pelos próprios trabalhadores; as relações imediatas entre as pessoas em algumas regiões provocadas pela abolição do dinheiro; as lutas pela liberação da mulher como as empreendidas pelas *Mujeres Libres*; a convivência no interior da coluna Durrutti, esse acontecimento extraordinário, enfim, contou com a míope Simone Weil de corpo inteiro. Ao retornar a Paris devido a um grave ferimento na perna, embrenhou-se na luta, durante a II Guerra Mundial, para libertar Antonio, militante libertário espanhol preso num campo situado na França destinado a manter detidas as pessoas foragidas dos países fascistas. Simone Weil escreveu cartas e enviou alimentos para Antonio e interpelou diretamente autoridades francesas e estadunidenses sobre a situação de todas as pessoas encerradas junto com ele neste espaço. A correspondência entre os dois prosseguiu nas lutas mundo afora e não cessou nem mesmo quando ele foi preso novamente na Argélia.

Simone Weil escreveu sobre a condição operária e também experimentou na própria carne os dissabores desta condição quando trabalhou como fresadora numa fábrica de automóveis. Dizia que os formuladores das teorias da revolução nunca se entregaram a uma experiência como esta que ela passou e por isso, sustentavam a divisão entre trabalho intelectual e manual e mantinham, após as reviravoltas revolucionárias, as

mesmas condições insuportáveis para os operários nas fábricas.

Em 1936, simultaneamente à redação de *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*, Simone Weil levou adiante o antigo projeto de debater as tragédias gregas com mulheres operárias. Dizia que o pensamento trágico de Sófocles era mais próximo da existência destas trabalhadoras do que qualquer literatura francesa moderna, e concluía que estas mulheres, por viverem na própria pele as condições terríveis às quais eram submetidas no interior das fábricas, em suas casas, pelas ruas, entenderiam melhor as tragédias gregas do que qualquer especialista. Buscava animar nas operárias a revolta de Antígona.

Suas análises dos efeitos da racionalização do trabalho sobre a desesperadora condição do operário, no capitalismo ou no interior de um governo socialista — visto que, segundo ela, em ambos os regimes a questão da técnica é valorizada em detrimento de qualquer infortúnio vivido pelo trabalhador —, provocaram o interesse agudo do escritor Albert Camus. Em *O homem revoltado*, escrito após o encerramento da II Guerra Mundial, Camus, que já havia se interessado também pelos projetos escritos por Weil no interior dos comitês de resistência francesa sobre a reconstrução da Europa depois da guerra, incorpora, atualiza e ultrapassa a problematização acerca da revolução presente na reflexão da pensadora militante francesa. No embate com os existencialistas que enxergavam a revolução como um inevitável progresso histórico, Camus dirá que uma revolução que não fosse animada constantemente pela revolta consolidaria a formação de policiais e funcionários contra a própria revolta.

Sempre que podia, Weil ia ao encontro do mar para recobrar suas forças. Em sua batalha incansável pela vida livre não buscou refúgio nem descanso. Irredutível, atravessou fronteiras e oceanos, andou com homens e mulheres libertários. Presa durante a agitação nos

comitês de resistência francesa durante a II Guerra Mundial, em nenhum momento submeteu sua vida à força do governo. Entre revoluções e guerras da primeira metade do século XX, tendo a liberdade como norte, seguiu adiante na navegação incerta e perigosa da vida.

## a primavera insolente de michel foucault | edivaldo v. da silva\*

Michel Foucault. *Le Courage de la Verité. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France (1983-1984)*. France, Seuil/Gallimard, 2009, 351 pp.

Vinte e cinco anos após sua desapareição, Michel Foucault continua a produzir ressonâncias e estender as fronteiras histórico-sociais que tornam a enunciação discursiva possível. Último curso proferido no Collège de France, “*Le Courage de la verité*”, dá prosseguimento à analítica da relação sujeito e verdade que marcara os últimos doze anos de suas pesquisas. Desde o curso de 1982, “*Hermenêutica do Sujeito*”, Foucault, analisando a ‘direção de consciência’ e as ‘práticas de si’ na antiguidade greco-romana, nos séculos I e II de nossa era, detêm-se na técnica nomeada *parrehsía* — o ‘falar-franco’, o ‘tudo dizer’ — dispositivo, ao mesmo tempo, técnico e ético, exigência do discurso verdadeiro como base ontológica do discurso filosófico.

Em 1983, no mesmo Collège de France, ministra o curso “*Le gouvernement de soi et des autres*” onde irá dedicar-se à analítica da *parrehsía política*, na configu-

\* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP.